

II ENCONTROS DE CULTURA E PATRIMÓNIO NA FIGUEIRA DA FOZ

A VISITA REAL DE 1882

COORDENAÇÃO

Guida Cândido

Margarida Perrolas


CADERNOS
MUNICIPAIS
FIGUEIRA DA FOZ
PATRIMÓNIO

figueira
da cultura.

A VIDA POLÍTICA, ECONÓMICA, SOCIAL E
CULTURAL NA FIGUEIRA DA FOZ NO ÚLTIMO
QUARTEL DO SÉCULO XIX

JOSÉ AUGUSTO FERREIRA DA SILVA, MÚSICO. CONTRIBUTOS PARA UMA NOTA BIOGRÁFICA¹

Inês Maria Jordão Pinto – Divisão de Cultura da CMFF | CEAACP-UC

Carlos Eduardo Batista – Divisão de Cultura da CMFF

Centro de Estudos em Música e Dança | INET

RESUMO

A importância que a inauguração do troço da Linha da Beira Alta, entre a Figueira da Foz e a Pampilhosa, teve para a região em geral e para esta cidade em particular, é bem evidente nas amplas e detalhadas notícias divulgadas pela imprensa da época. O dia 3 de agosto de 1882 marcou um ponto de viragem na história da região, passando a estar ligada ao resto da Europa pelo transporte ferroviário.

Para a visita da família Real, as ruas da Figueira da Foz estavam engalanadas, com festejos dignos de registo, onde a música foi uma constante, através da participação de diversos grupos. O que chamou a nossa atenção foi um dos periódicos locais fazer uma referência específica ao regente de uma das bandas e a um dos temas que compôs para este dia, de seu nome José Augusto Ferreira da Silva. Através deste artigo pretendemos apresentar o nosso contributo para uma nota biográfica sobre este músico, até agora desconhecido.

Palavras-chave: Visita Real; Linha da Beira Alta; música; Coimbra; Figueira da Foz; Viseu; filarmónica; regência; violino; rabeça.

¹ Os autores deste artigo agradecem ao Dr. Jorge Resende e ao Dr. Adamo Caetano, cujos contributos e entusiasmo foram fundamentais para este trabalho.

Abstract

The impact of the opening of the Beira Alta railway line, between Figueira da Foz and Pampilhosa, for the region in general and for this city in particular, is very notorious in the extensive and detailed news published by the press of the time. The 3th of August of 1882 was a turning point in the history of the region, which became linked to the rest of Europe by rail.

For the visit of the Royal family the streets of Figueira da Foz were decorated, with celebrations worthy of notice, where music is a constant, through the presentation of several musical groups. What caught our attention was the fact that one of the local newspapers make a specific reference to the regent of one of the bands and to one of the themes that he composed for this day, whose name was José Augusto Ferreira da Silva. Through this article we intend to present our contribution to a biographical note about this musician, unknown until now.

Keywords: Royal Visit; Beira Alta railway line; music; Figueira da Foz; Coimbra; Viseu; philharmonic; regency; violin; fiddle.

INTRODUÇÃO

O caminho de ferro da Figueira é considerado o terminus natural do caminho de ferro da Beira, o complemento da grande linha internacional, que atravessando uma das regiões mais productivas da França, e toda a península está destinada a chegar á beira do Atlantico, até ao porto marítimo, que no futuro deve ser um dos primeiros portos da Europa e a chave do commercio da America.²

Embora Portugal já tivesse encetado esforços para a implementação do transporte ferroviário, o comboio só entraria no nosso país em 1856, demorando mais de duas décadas para chegar à vila da Figueira da Foz, através da linha da Beira Alta, inaugurada em 1882. Não admira, por isso, o destaque dado pelos periódicos de então, os quais relatam, com mais ou menos detalhe, as festividades da inauguração do troço da linha da Beira Alta, que ligaria a Figueira da Foz à Europa, através da Pampilhosa. Quando no dia 3 de agosto de 1882, depois de pernoitar em Coimbra, a comitiva real chega à estação da Figueira da Foz para dar início às cerimónias da inauguração, D. Luís I e de D. Maria Pia são recebidos em festa pelos figueirenses, numa cerimónia onde a música não poderia faltar.

Através da leitura dos relatos publicados, particularmente na imprensa local, ficamos a saber que a Filarmónicas Figueirense e Conimbricense, bem como a banda da Infantaria 18³ faziam parte

2 (Pessoa, 1879: 215-216).

3 Através do Decreto de 20 de agosto de 1802 foi determinada a constituição de agrupamentos compostos por onze músicos de instrumental nos Regimentos de Infantaria da Corte e das Províncias da Extremadura, Norte e Sul, compostos por um fagote, um 1º clarinete, dois 2ºs clarinetes, duas

da comitiva que saiu dos Paços do Concelho para a estação de caminhos de ferro⁴. *Durante a cerimónia da bênção, a família real foi calorosamente vitorizada pela multidão e aos hinos festivos tocados pela banda de Infantaria 18 e pelas filarmónicas Dez d'Agosto, Figueirense, Conimbricense e do Paião*⁵. Na Assembleia Figueirense a Filarmónica Dez d'Agosto tocou o *hino da senhora D. Maria Pia*⁶, tendo ali atuado uma *magnífica orquestra* antes de ter início a festa da caridade⁷. *À tarde as musicas percorreram as ruas da villa*⁸. A noite terminou no teatro Príncipe D. Carlos⁹, onde a companhia do teatro Príncipe Real, do Porto, apresentou “A Filha do Tambor-mór” uma opereta em três atos, música de Alves Rente¹⁰.

Mas é sobre a celebração que teve lugar na Igreja Matriz que nos chegam mais detalhes, sabendo-se que ali *foi interpretado um solene Te-Deum, executado pela filarmónica Figueirense, auxiliada por músicos convidados pelo regente e autor da composição, José Augusto Ferreira da Silva*¹¹.

trompas, um flautim, um clarim, um zabumba, um prato e uma caixa de rufo. (Binder, 2006: 23). Sobre este assunto veja-se também (Correia, 2006). Sediada no Porto, a Banda Militar do Regimento de Infantaria 18 viria a ser integrada na atual Banda Militar do Porto, em consequência de várias reestruturações no Exército Português (Casa da Música, 2014) e (Bandas Filarmónicas, 2009).

Na Figueira da Foz esteve aquartelado o Batalhão de Infantaria 28, pertencente à 1ª Brigada da 1ª Divisão do Regimento de Infantaria 18 (Lopes, 2017). A assinalar a presença desta unidade militar, em 1926 o Caminho da Fonte da Lapa passou a designar-se Rua 28 de Infantaria. AHMFF - Reunião da CMFF, de 06-10-1926, Ata nº 12, p. 182v.

No dia da inauguração da linha da Beira Alta a guarda de honra era composta por *uma força de 180 praças de infantaria 18, com a banda respetiva*. (Commercio da Figueira, 03-08-1882: 2).

4 *Commercio da Figueira*, 03-08-1882: 2.

5 *Correspondência da Figueira*, 06-08-1882: 1.

6 *Correspondência da Figueira*, 06-08-1882: 2.

7 *Correspondência da Figueira*, 06-08-1882:2.

8 *Commercio da Figueira*, 09-08-1882: 1.

9 *Correspondência da Figueira*, 06-08-1882: 2.

10 “Theatro” *Commercio da Figueira*, 03-08-1882: 2, “Factos – Theatro Principe D. Carlos” *Commercio da Figueira*, 09-08-1882: 2 e *O Conimbricense*, 12-08-1882.

11 *Commercio da Figueira*, 03-08-1882: 2.

Sendo o único nome relacionado com a componente musical deste evento, que os jornais mencionam, tal intrigou-nos desde o início, pelo que procurámos saber mais sobre José Augusto Ferreira da Silva.

FAMÍLIA E DESCENDÊNCIA DE JOSÉ AUGUSTO FERREIRA DA SILVA (c. 1842 – 1916)

Nascido cerca de 1842¹², José Augusto Ferreira da Silva¹³, natural da freguesia da Sé, concelho de Viseu, era filho de José Furtado da Costa, proprietário, natural de Ponta Delgada, Açores e de Capitolina da Conceição, proprietária, natural de Coimbra¹⁴.

A 10 de junho de 1868 J. A. Ferreira da Silva¹⁵ casou em Souto da Casa, concelho de Fundão, com Dona Maria d'Oliveira Rodrigues Lobo¹⁶,

12 Apesar de várias tentativas, até ao momento não nos foi possível localizar o seu assento de nascimento. Aquando o primeiro casamento, em 1868, tinha 26 anos e na data do segundo casamento, em 1878, tinha 35 anos.

13 Doravante designado por J. A. Ferreira da Silva, forma como costumava assinar o seu nome.

14 No assento de óbito de José Augusto Ferreira da Silva os pais surgem com os nomes de João da Costa Furtado e de Capitolina Ferreira da Silva Furtado e no assento de casamento do neto Júlio Cardona surgem com os nomes de João Furtado da Costa e Silva e de Capitolina da Conceição Ferreira. ANTT: ACLSB – 3º Bairro, Livro de Registo de Casamentos 1905/1910, fl. 68v-69v; 2ª CRCLSB, Livro de Registo de Óbitos 1916-09-14/1916-12-05, fl. 11v, registo nº 22.

15 No assento de casamento surge com o nome de José Augusto Ferreira da Silva Furtado, com 26 anos de idade e a noiva 24 anos de idade. ADCTB, Prq de Souto da Casa, Livro de Registo de Casamentos 1868/1868, fl. 4, assento nº 7.

16 Maria era a quarta de cinco filhos, tendo ficado órfã de pai com apenas 3 anos de idade. Falecido a 12 de maio de 1847, José d'Oliveira Rodrigues Lobo deixa órfãos Henriqueta com 9 anos (n. 18-07-1838), Carolina com 7 anos (n. 06-02-1840), Libania com 5 anos (n. 09-02-1842), Maria com 3 anos (n. 26-08-1844) e José com 3 meses de idade (n. 24-02-1847). ADCTB, Prq de Souto da Casa: Livro de Registo de Óbitos 1847/1859, fl. 2; Livro de Registo de Batismos 1818/1859, fl. 140, 150, 165, 187-8, 206v.

No inventário os seus bens foram avaliados em 1.843\$530 réis, cabendo a cada filho 184\$535 réis (1/5 de 50%). ADCTB, TCF 1774/2008, Inventários Obrigatórios 1774/2008, Inventário

natural de Souto da Casa, filha do bacharel José de Oliveira Rodrigues Lobo¹⁷ e de Dona Joana Cândida Damascena de Oliveira¹⁸, neta paterna de Lucas de Oliveira e de Maria Figueira Rodrigues Lobo e neta materna de Timóteo Mendes Leitão e de Maria Fernandes de Oliveira e Andrade, naturais de São Pedro Apóstolo, Souto da Casa¹⁹.

A 3 de setembro de 1869 nasceu Maria Eduarda, a primeira filha do casal²⁰ e a 3 de janeiro de 1872 a filha Palmira²¹. Quatro anos depois, em 8 de maio de 1876, J. A. Ferreira da Silva ficou viúvo²².

Dois anos depois, em 29 de abril de 1878, celebrou matrimónio na Igreja Paroquial de São Martinho, concelho de Covilhã, com Maria da Conceição Gomes Cardona Barata²³, de 23 anos de idade, natural de São João Mártir (Covilhã)²⁴, filha de Francisco Gomes Cardona, natural de São Martinho (Covilhã) e de Maria Rosa²⁵, natural de São João

Obrigatório 1847-05-14/1863-07-04.

17 Recebeu a *Medalha de Villa Franca, de Fidelidade, e Direitos da Realeza*, por parte d'El Rei D. Miguel, em 3 de setembro de 1929. *Gazeta de Lisboa*, 09-09-1829, nº 213, p. 882. Sobre esta medalha honorífica veja-se (TRIGUEIROS, 2017: 89-111).

18 Falecida a 08-04-1883, residia na Rua da Costa, em Souto da Casa, concelho de Fundão. No assento de óbito surge com o nome de Joanna Damascêna d'Oliveira Lôbo. Viúva, proprietária, deixou filhos e testamento. ADCTB, Prq de Souto da Casa, Livro de Registo de Óbitos 1883/1883, fl. 5v-6, assento nº 20. No assento de batismo da filha Maria surge com o nome de Joanna Candida Damascena Mendes Leitão de Oliveira e Andrade. ADCTB, Prq de Souto da Casa, Livro de Registo de Batismos 1818/1859, fl. 187-8.

19 ADCTB, Prq de Souto da Casa, Livro de Registo de Batismos 1818/1859, fl. 187-8.

20 Batizada a 20 de dezembro de 1869, na Igreja Paroquial de Souto da Casa, Fundão. No seu assento de batismo surge a indicação de ter sido *batizada em casa por estar em risco de vida*. ADCTB, Prq de Souto da Casa, Livro de Registo de Batismos 1869/1869, fl. 10, assento nº 30.

21 Batizada a 5 de junho de 1872, na Igreja Paroquial de São Martinho, Fundão. ADCTB, Prq de Fundão, Livro de Registo de Batismos 1872/1872, fl. 15, assento nº 40.

22 Maria d'Oliveira Rodrigues Lobo Ferreira da Silva morre com 32 anos de idade. Residia na rua Direita, em São Pedro, Covilhã e era costureira. ADCTB, Prq de São Pedro (Covilhã), Livro de Registo de Óbitos 1876/1876, fl. 6, assento nº 20.

23 ADCTB, Prq de São Martilho (Covilhã), Livro de Registo de Casamentos 1878/1878, fl. 2v-3, assento nº 5.

24 Batizada a 01 de novembro de 1855. ANTT, Prq de São João Mártir ou do Monte, Livro de Registo de Batismos 1822/1859, fl. 172v.

25 No assento de casamento do neto Júlio Cardona surgem com o nome de Francisco Gomes

Mártir, tintureiros, naturais da mesma freguesia, neta paterna de Aleixo Gomes, natural de São João Mártir e de Maria Gomes Barata, natural de São Bartolomeu (Covilhã) e neta materna de Luiz Rodrigues e de Bárbara Jesus, naturais de São João Mártir. Deste casamento nasceram seis filhos: José Júlio, Aida, Maria Magdalena, Ema, Laura e Elisabeth²⁶. Nascido a 28 de março de 1879, **José Júlio Cardona da Silva** foi batizado a 27 de março de 1880, na Igreja Paroquial de São Martinho, na cidade da Covilhã. A 11 de fevereiro de 1909 casou com Elisabeth (Bella) Bensimon, nascida a 6 de janeiro de 1888, no Pará, Brasil, filha de Jacob Bensimon e de Esther Bendohan Bensimon. Residentes em Lisboa, deste casamento nasceram três meninas: Luna, Esther e Elisabeth. José Júlio faleceu a 2 de abril de 1950, em São Sebastião da Pedreira, Lisboa²⁷. Nascida a 27 de março de 1886, em São Cristóvão, Sé Velha, Coimbra, **Aida Cardona e Silva** foi batizada em São Vicente de Fora, Lisboa a 15 de agosto de 1907. A 27 de fevereiro de 1908 casou com Humberto da Silveira Castello Branco,

Cardona Barata e de Maria Rosa Barata Mantua. ANTT, ACLSB – 3º Bairro, Livro de registo de Casamentos 1905/1910, fl. 68v-69v.

26 Na documentação que integra o processo de José Augusto Ferreira da Silva e seu filho Júlio Cardona no acervo do Museu Nacional da Música encontram-se diversas referências às filhas de José Augusto Ferreira da Silva, das quais se apresentam alguns exemplos: “A minhas filhas Laura, Elisabeth e Aida” s/d (MM-2005-0006-0444); Concerto de alunos de Júlio Cardona no «Salão da Liga Naval», 06-06-1912, tocaram, entre outros, Magdalena Cardona, Laura Cardona e Silva (MM-2005-0006-0682); Programa da festa realizada no Collegio progresso em 13-08-1904, onde atuaram, entre outros, Laura Cardona (MM-2005-0006-1887); Concerto do violinista Júlio Cardona, no Conservatório Real de Lisboa a 01-05-1904, tocaram, entre outros, Aida e Laura Cardona (MM-2005-0006-3222); Idem a 18-04-1905 (MM-2005-0006-3224); Audição de alunos de Júlio Cardona no salão da Illustração Portuguesa, onde tocaram, entre outros a sua irmã Laura (MM-2005-0006-3371); Foto/postal com retratos de Laura e Magdalena, enviado ao irmão Júlio Cardona (MM-2005-0006-5301); “Meia-noite”, valsa brilhante nº 2 dedicada a Laura Cardona por seu pai José Augusto Ferreira da Silva (MM-2005-0006-6123). Sobre a filha **Elisabeth** não encontrámos qualquer outra documentação ou referência, para além das existentes no acervo do Museu Nacional da Música. Agradecemos a prestimosa colaboração e disponibilidade da equipa do Museu Nacional da Música, na pessoa do Dr. Rui Pedro Nunes.

27 ADCTB, Prq de São Martinho (Covilhã), Livro de Registo de Batismos 1880/1880, fl. 6v, assento nº 21; ANTT: ADLSB, Adm. Concelho de Lisboa – 3º Bairro 1879/1911, Livro de registo de casamentos 1905/1910, fl. 68v-69v; 3ª CRCLSB 1911-04-01/1985-12-31, Livro de registo de óbitos 1950-03-20/1950-07-04, lv. 116, fl. 231v, assento nº 458.

empregado no comércio, nascido em 6 de março de 1884, em São Pedro de Alcântara, Lisboa, filho de Adjuto Maria de Paiva Azevedo Castello Branco, natural de Borba, 2º sargento da administração militar e de Maria Rosa da Silveira dos Santos Callado Castello Branco, natural de Aldeia Gallega do Ribatejo (atual Montijo). Aida faleceu a 27 de dezembro de 1936, em Santa Maria de Belém, Lisboa²⁸. Nascida a 24 de dezembro de 1888, em São Cristóvão, Sé Velha, Coimbra, **Maria Magdalena** foi batizada em São Vicente de Fora, Lisboa a 15 de agosto de 1907, tal como as suas irmãs Aida e Emma²⁹. Nascida a 23 de março de 1900, na freguesia de Nossa Senhora da Conceição, Covilhã, a 26 de março de 1921 **Emma Cardona da Silva** casou com José Maria Ferreira Taborda, oficial do exército, com 26 anos de idade, natural da freguesia de Santa Luzia da cidade e concelho de Funchal, filho de João Manuel P. Taborda e de Elisa Georgina Ferreira, falecido a 13 de abril de 1941. Emma faleceu a 31 de maio de 1993, no Alto do Pina, Lisboa³⁰. De **Laura Cardona e Silva** apenas sabemos que foi madrinha de batismo das irmãs Aida, Maria Magdalena e Emma, a 15 de agosto de 1907, sendo solteira nessa data e de **Elisabeth** só encontramos referências na documentação existente no acervo do Museu Nacional da Música³¹. J. A. Ferreira da Silva viria a falecer a 7 de setembro de 1916, na freguesia dos Anjos, em Lisboa, aos 75 anos³².

28 ANTT: Prq de São Vicente de Fora, Livro de registo de Batismos 1907/1907, fl. 84-84v, assento nº 150; Prq de Alcântara, Livro de Registo de Batismos 1884/1884, f. 69-69v; Prq de Santos-o-Velho, Livro de Registo de Casamentos 1908-1908, fl. 16v-17, assento nº 33; 4ª CRCLSB, Livro de Registo de Óbitos 1963-12-10/1963-12-31, fl. 420, assento nº 839.

29 ANTT: Prq de São Vicente de Fora, Livro de registo de Batismos 1907/1907, fl. 84v-85, assento nº 151.

30 ANTT: Prq de São Vicente de Fora, Livro de registo de Batismos 1907/1907, fl. 85-85v, assento nº 152; 2ª CRCLSB, Livro de Registo de Casamentos 1921-03-02/1921-06-06, fl. 45-45v, registo nº 45.

31 Veja-se a nota 26.

32 De acordo com o assento de óbito, residia na Av. Almirante Reis, nº 15, 4º Dtº, com sua esposa, Maria da Conceição Cardona Barata Ferreira da Silva. Não deixou descendentes menores, nem bens, nem testamento, tendo sido sepultado no Cemitério Oriental de Lisboa, em jazigo. ANTT, 2ª CRCLSB, Livro de Registo de Óbitos 1916-09-14/1916-12-05, fl. 11v, registo nº 22.

A ATIVIDADE PROFISSIONAL DE J. A. FERREIRA DA SILVA

Não se conhecendo nenhuma biografia sobre J. A. Ferreira da Silva, desconhecemos onde e com quem terá estudado música³³. Tendo nascido em Viseu (c. 1842), poderá ter iniciado a sua aprendizagem na Capela de Música da Sé de Viseu. Embora não tenhamos encontrado nenhum documento que, diretamente, fundamente esta hipótese, sabemos que em 1845 estaria a funcionar uma capela de música nesta cidade, através de uma carta de Manoel Lopes d'Oliveira, mestre de Capela, dirigida ao Cabido de Viseu:

Ill^{mos} e

M^{mos} Snr.

Como á perto de 4 mezes tenho conservado huma regular Cappela de Muzica, gratuitam^{te}., e sem que ao menos tenha recebi de V.^a S.^{as} a mais piquena demonstração de gratidão; e como me teem espoliado o Direito das festas de fora a onde poderia obter algum lúcro; são estas as rezoens porque participo a V. S.^{as} que hoje não há Cappela de Muzica, e continuará a não haver, athe que V. S.^{as} me detherminem muzicos para ella. Espero a decizão de V. S.^{as} para meu governo. / Deos guarde a V. S.^{as} / Vizeu 2 de Fevereiro de 1845 /O mestre de Cappela /Manoel Lopes d'Oliveira³⁴.

33 O seu nome não surge em nenhum dos nos livros de matrículas do Conservatório Real de Lisboa até ao ano letivo de 1868/69, ano em que se casou com Dona Maria d'Oliveira Rodrigues Lobo, em cujo assento surge com a profissão de músico.

34 Carta de Manuel Lopes de Oliveira ao Cabido de Viseu, sobre uma capela de música. ADVIS, Cabido da Sé de Viseu, Documentos Avulsos, Correspondência, Correspondência 1845-02-02/1845-02-02.

Através de uma partitura manuscrita na qual terá feito anotações, datadas de 1861³⁵, percebemos que J. A. Ferreira da Silva terá vivido em Viseu pelo menos até aos 19 anos de idade. Foi, sobretudo, através dos registos paroquiais que encontramos as primeiras alusões à sua atividade profissional, quase sempre ligada à música. A primeira referência, como *músico*, surge em 1868³⁶, aos 26 anos de idade, surgindo no ano seguinte como *professor de música*³⁷ e em 1872 encontramos-lo como *mestre da filarmónica desta villa do Fundão*³⁸.

Quatro anos depois, em 1878, surge na Covilhã como *escrivão do Juiz Ordinário*³⁹, tendo exercido esta função pelo menos até 1880⁴⁰ e em 1881 vem para a Figueira da Foz como professor de música e mestre da filarmónica Figueirense⁴¹. A partir desta data, todas as referências encontradas relativamente à sua atividade profissional surgem ligadas à música, em diversos locais do país.

Mas é através de anúncios, publicados em 1887, que J. A. Ferreira da Silva nos dá a conhecer a sua atividade profissional:

*Professor de Música / JOSÉ AUGUSTO FERREIRA DA SILVA
continua a leccionar piano, canto, harpa, rebeca, violoncello, flauta
e violão, em casas particulares nesta cidade e fóra d'ella, seguindo
rigorosamente o methodo d'ensino adoptado no Conservatorio real*

35 “Frases ou fragmentos de canções e melodias curtas de carácter popular” (Melodia “A criada que é janota”, com anotações de J.A.Ferr^a da Silva - 1861 Viseu). MM-2005-0006-5064.

36 Assento do seu primeiro casamento. ADCTB, Prq de Souto da Casa, Livro de Registo de Casamentos 1868/1868, fl. 4, assento n° 7.

37 Assento de batismo da sua filha Maria Eduarda. ADCTB, Prq de Souto da Casa, Livro de Registo de Batismos 1869/1869, fl. 10, assento n° 30.

38 Assento de batismo da sua filha Palmira. ADCTB, Prq de Fundão, Livro de Registo de Batismos 1872/1872, fl. 15, assento n° 40.

39 Assento do seu segundo casamento. ADCTB, Prq de São Martilho (Covilhã), Livro de Registo de Casamentos 1878/1878, fl. 2v-3, assento n° 5.

40 Assento de batismo do seu filho José Júlio. ADCTB, Prq de São Martinho (Covilhã), Livro de Registo de Batismos 1880/1880, fl. 6v, assento n° 21.

41 *O Conimbricense*, 19-02-1881:3.

de Lisboa. / Encarrega-se tambem de afinar piano, etc. / Pode ser procurado na casa Havaneza, rua de Ferreira Borges, ou na rua d'Alegria, 67 – Coimbra⁴².

Do segundo casamento, J. A. Ferreira da Silva teve um rapaz e cinco raparigas aos quais lecionou música, mas apenas o filho mais velho viria a ter uma carreira profissional nessa área, como violinista. É através da biografia do seu filho, José Júlio Cardona da Silva, mais conhecido como Júlio Cardona, que ficamos a conhecer um pouco mais sobre J. A. Ferreira da Silva.

Nascido na Covilhã em 1879, iniciou o estudo das primeiras letras e da música apenas com a idade de 4 anos, com seu pai, que era professor de música, e aos 6 anos o estudo de violino. Deu o seu primeiro concerto público, em Coimbra, em Março de 1890, com 11 anos, e até 1893 percorreu em digressão artística quase todo o norte de Portugal. Quando o grande violinista Pablo Sarasate esteve em Portugal, ouvindo-o tocar, ficou tão entusiasmado que quis tomá-lo sob a sua protecção e levá-lo consigo para o estrangeiro, mas não o pôde ver realizado esse seu desejo devido a questões sentimentais da família. (...) ⁴³.

Júlio Cardona viria a ser primeiro violino na orquestra do Teatro S. João do Porto, mudando-se para Lisboa em 1897, onde ingressou na Orquestra do Teatro de S. Carlos como primeiro violino solista. Em 1901 foi admitido como professor de violino no Conservatório Nacional de Música, onde lecionou durante 42 anos, ocupando a cadeira de professor de primeira classe em 1910. Paralelamente, em 1911 fundou, organizou

⁴² O *Conimbricense*, 13-09-1887: 3 e *Correspondencia de Coimbra*, 02-11-1887: 3.

⁴³ *Diário de Notícias*, 23-04-1950: 5.

e dirigiu a Orquestra de Lisboa, cujo primeiro concerto teve lugar nesse mesmo ano. Foi também diretor artístico da Sociedade Nacional de Música de Câmara, fundada em 1919 e, durante muitos anos, professor de Canto Coral na Casa Pia de Lisboa. No ano seguinte, em 1920, fundou a Orquestra Feminina (de arco), constituída maioritariamente por alunas suas. Ao longo da sua carreira realizou diversas digressões artísticas aos Açores, Brasil e América do Norte, cujo sucesso nem sempre foi o expectável⁴⁴. Tendo recebido um louvor atribuído pelo ministro da Instrução Pública, pela execução sistemática de quartetos de cordas de Beethoven, pela primeira vez integralmente executados em Lisboa e Porto, com a colaboração dos professores Ivo da Cunha e Silva, Eduardo Pavia de Magalhães, João Passos e depois Henrique dos Santos⁴⁵, escreveu diversas obras para piano, violino e piano, canto, música sinfónica, entre outros⁴⁶.

J. A. FERREIRA DA SILVA NA FIGUEIRA DA FOZ (1881-1883)

Fundada em 5 de julho de 1842, até 1880 a **Sociedade Filarmónica Figueirense** era a única do seu género nesta cidade. Mas nesse ano, após uma desavença política ocorrida em agosto, por ocasião da inauguração dos trabalhos do caminho de ferro, surgiu uma nova filarmónica, constituída por músicos provenientes da filarmónica Figueirense, de feição política progressista. Os divergentes fundaram uma nova sociedade, sob o título *10 d'Agosto*, com feição regeneradora, cuja relação com a sua congénere nem sempre foi pacífica. Não será por isso de estranhar que, por exemplo, a mesa da Ordem Terceira tenha

44 Tal é-nos transmitido pela extensa correspondência trocada com familiares e amigos (MM-2005-0006: 2209, 5363 e 7998).

45 *Diário de Notícias*, 23-04-1950: 5.

46 Lista de obras compostas por Júlio Cardona, s/d. MM-2005-0006-6192.

definido que, para as suas procissões anuais, estas filarmónicas fossem chamadas alternadamente⁴⁷.

Todos sabem como a rivalidade politica ou não politica toma uns tons fortes, metálicos e retumbantes, ao passar pelos trombones e barytonos d'uma banda de musica que disputa á outra a supremacia. Aqui deu-se a mesma cousa, e succedeu o que a todos os amigos de musica satisfez: a philarmonica Figueirense, que não primava pelo numero dos executantes, nem pelo primor da execução, graças á politica (...) deu sem grande trabalho a ser a duas sociedades musicaes, qual d'ellas mais numerosa do que antiga, e incontestavelmente mais bem apuradas e afinadas⁴⁸.

Em 1881 encontramos a primeira referência a J. A. Ferreira da Silva na Figueira da Foz, como professor de música e o novo mestre da filarmónica Figueirense, a participar num sarau musical no dia 20 de fevereiro⁴⁹. No mês seguinte, a propósito de duas procissões que tiveram lugar na cidade⁵⁰, o jornal democrata *O Commercio da Figueira* refere que a filarmónica Figueirense *deu frisantes provas do muito que tem ultimamente aproveitado com a direção do sr. José Augusto Ferreira da Silva, seu habil e illustrado professor, não sendo esta uma esganiçada charanga provinciana a estragar música (...), quem a ouviu ultimamente fez d'ella o melhor conceito e tem a certeza que dentro em pouco tempo a Figueira possuirá uma excelente banda de música*⁵¹.

Em maio de 1881, a filarmónica Figueirense estreou *novo uniforme e nova bandeira que é de setim azul franjada d'ouro, tendo n'um dos lados as armas nacionaes e no outro o emblema da philarmonica – uma lyra*

47 No entanto, tal não foi suficiente para evitar o conflito entre ambas, como aconteceu, por exemplo, na procissão de Cinzas, em abril de 1881. *O Conimbricense*, 19-04-1881: 3.

48 *O Conimbricense*, 19-04-1881: 3.

49 *O Conimbricense*, 19-02-1881: 2.

50 Sábado à noite e domingo à tarde *O Commercio da Figueira*, 29-03-1881: 2.

51 *O Commercio da Figueira*, 29-03-1881: 3.

entre palmas – tudo bordado a ouro. Nesse dia percorreu varias ruas, seguida de muito povo, e de tarde tocou na Praça do Commercio, n’um elegante coreto que á noite se iluminou a côres. Para além desta descrição, o correspondente do jornal considera que esta sociedade musical, constituída por artistas d’esta villa está uma excellente banda ⁵².

Na noite de sábado, 2 de julho, João José da Costa⁵³ organizou uma festa na sua quinta nos Condados, em Tavadede, *a que acorreram mais de duas mil pessoas da Figueira, de Buarcos, Tavadede, Brenha e aldeias circunvizinhas*, na qual a filarmónica Figueirense executou várias peças, entre elas uma valsa, intitulada “Fé”, composta por J. A. Ferreira da Silva. No dia seguinte, a filarmónica Figueirense repetiu-a na missa paroquial de Tavadede, tocando também uma grande marcha, igualmente da sua autoria, na qual, de acordo com o redator, *há na fuga um enredo instrumental muito engenhoso*⁵⁴.

No âmbito das festas do Santíssimo Sacramento, em Tavadede, no sábado, dia 10 de setembro de 1881, a filarmónica Figueirense atuou num pavilhão preparado para o efeito, junto à igreja. No domingo seguinte, *executou a missa de Santos Pinto, conhecida pelo nome de “Missa de dois tenores”*, tendo o Dr. Santos Couceiro interpretado o *solo do Quoniam...* e o reverendo Francisco Pinto d’Almeida o *solo e dueto Domine Deus*⁵⁵. No dia 19 desse mesmo mês, a filarmónica Figueirense surpreendeu a audiência num concerto realizado no grande salão do Café Atlântico, com a apresentação executada por *meia duzia de rapazes que há pouco tempo (...) se lembraram de aproveitar as horas vagas do trabalho e dos ensaios da banda em estudos de orchestra, tendo executado com todo o primor algumas symphonias de difficil execução e de optimo gosto, auxiliados por três rabequistas de Coimbra*, tendo sido bastante

52 O *Conimbricense*, 14-05-1881: 2.

53 Benemérito da cultura popular, João José da Costa foi o principal organizador da Filarmónica Figueirense e sócio fundador da Assembleia Figueirense, foi Presidente da Câmara Municipal da Figueira da Foz em 1862-3 e 1864-5 e procurador à Junta Geral do Distrito, entre outros. (Coelho, 1935: 204).

54 O *Commercio da Figueira*, 06-07-1881: 2.

55 O *Commercio da Figueira*, 13-09-1881: 2.

aplaudidos⁵⁶. Constituída *na sua maioria por artistas que passam o dia nos diferentes labores das suas profissões*, o redator considera de *prever que chegará a ser uma orchestra de primeira ordem na provincia, se todos os seus membros persistirem com afinco e disciplina no estudo a que se applicaram*⁵⁷. Nas peças executadas, mereceu particular ovação a grande marcha – *Virandeiras do Sultão*, composta por J. A. Ferreira da Silva⁵⁸, sendo *innegavel que ao seu regente (...) se devem em grande parte os progressos observados e pelos quaes s. s.^a foi merecidamente applaudido como o foram os demais membros da referida sociedade musical*⁵⁹.

Ao longo do ano seguinte foram diversas as atuações da filarmónica Figueirense. A 3 de agosto de 1882, participou nas celebrações da inauguração da Linha da Beira Alta, onde, para além dos hinos festivos, interpretou *A Inauguração – Grande Marcha Triumphal* na estação dos caminhos de ferro e um *Te-Deum* na Igreja Matriz, ambos da autoria do seu maestro.

56 *O Commercio da Figueira*, 20-09-1881: 2.

57 *O Conimbricense*, 24-09-1881: 3.

58 *O Commercio da Figueira*, 20-09-1881: 2.

59 *O Conimbricense*, 24-09-1881: 3.

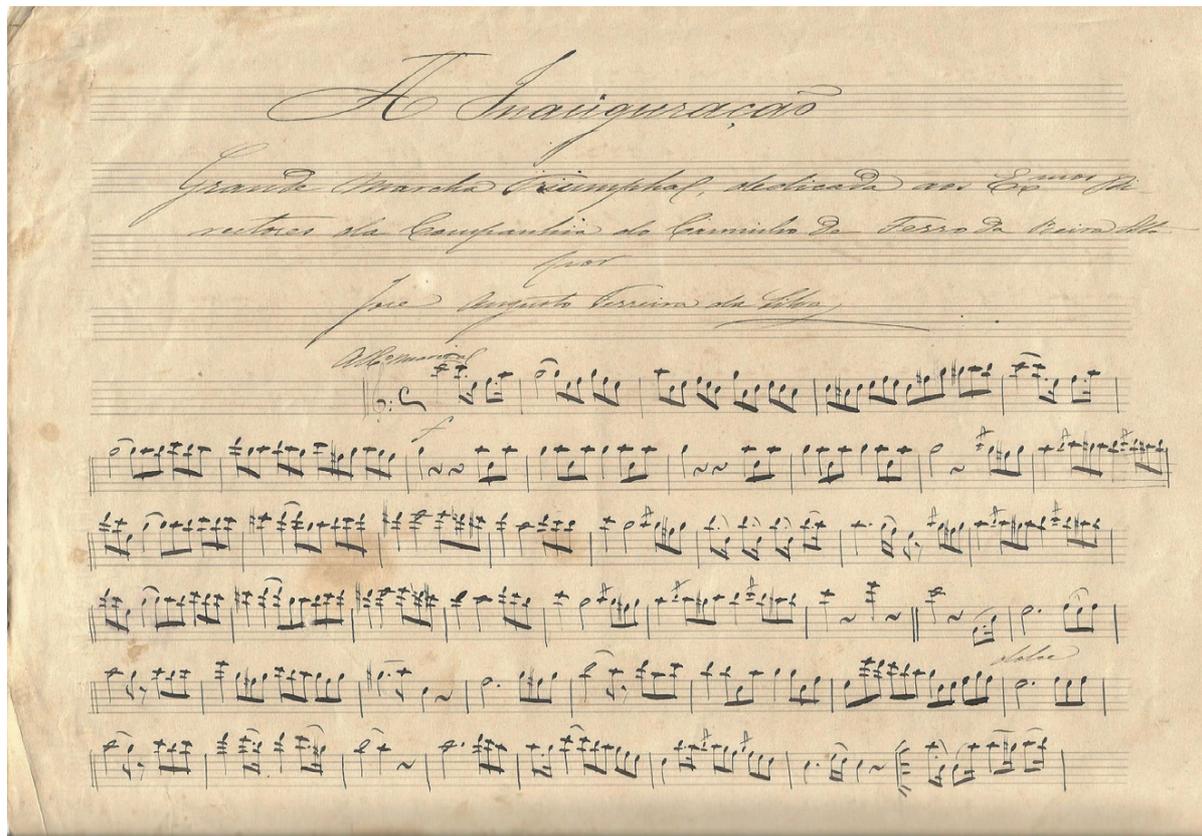


Fig. 1 – Detalhe da partitura de *A Inauguração – Grande Marcha Triumfal dedicada aos Ex^{mos.} Directores da Companhia do Caminho de Ferro da Beira Alta*, por José Augusto Ferreira da Silva, interpretada a 3 de agosto de 1882. (Imagem cedida pela Sociedade Filarmónica Figueirense)

No período em que dirigiu a filarmónica Figueirense J. A. Ferreira da Silva compôs outras peças, entre elas: *O Martir do Calvario! Passo Funebre* (música militar e bandas)⁶⁰ e *A Lua no Mar – Mazurka*.

Em dezembro de 1882, a filarmónica Figueirense, presidida por João José da Costa, já era regida pelo sr. Francisco Xavier Roth, tendo J. A. Ferreira da Silva passado a reger a filarmónica da **Sociedade Filarmónica 10 d'Agosto**⁶¹, substituindo José Joaquim da Silva, violinista do teatro de S. Carlos⁶².

No primeiro dia do ano de 1883, a filarmónica 10 d'Agosto tocou na

60 Esta última peça inclui a seguinte dedicatória: *dedicado ao meu Exm^o Presidente da Philharmonica Figueirense, José Maria da Silva Torres*. MM-2005-0006-1716.

61 *O Conimbricense*, 05-12-1882: 3.

62 *O Conimbricense*, 23-09-1882: 3.

missa conventual na Igreja Matriz, seguindo para a Praça Nova onde realizou um concerto, seguindo depois *para a sua nova aula, na rua das Rosas*⁶³. No dia 25 de março seguinte, a filarmónica 10 d'Agosto estreou *um vistoso uniforme, alcançado por subscrição entre varios cavalheiros da localidade. Durante a tarde tocou por algumas horas na Praça Nova, aonde attrahiu numerosa concorrência, que apreciou a correcção com que diferentes peças de musica foram executadas*⁶⁴.

Em junho desse ano a filarmónica 10 d'Agosto apresentou-se em Buarcos sob a direção do maestro P. A. Cymaria, *musico distincto da capital*⁶⁵.

Apesar de ter dirigido a filarmónica da 10 d'Agosto apenas durante cerca de seis meses, nesse período compôs as seguintes peças: *Marcha de Guerra; Quadrilha de Contra Danças; As Conchas da Praia* (quadrilha de danças); *A Última Agonia* (marcha fúnebre); *As Heroínas do Calvário* (marcha fúnebre); *Passodoble Fúnebre; Grande Marcha Triunfal; Grande Valsa Brilhante; Grandeiros de Linha - P. Ordinário; Virgem do Mosteiro - Mazurka; Indignação e desprezo - Cantata*⁶⁶.

Durante a sua passagem pela Figueira da Foz, J. A. Ferreira da Silva terá vivido na rua da Oliveira, nº 7, com Maria da Conceição Gomes Cardona Barata, sua segunda mulher, o filho Júlio, com cerca de dois anos, primeiro do segundo casamento e a filha Palmira⁶⁷, do primeiro casamento, com cerca de nove anos.

63 *O Conimbricense*, 04-01-1883: 3.

64 *O Conimbricense*, 31-03-1883: 3.

65 *O Conimbricense*, 07-06-1883: 3.

66 Agradecemos à Sociedade Filarmónica 10 d'Agosto a informação facultada sobre as obras compostas por J. A. Ferreira da Silva durante o período que regeu as duas filarmónicas da cidade. Sobre as composições da sua autoria, consulte-se o Museu Nacional da Música – *Espólio Cardona e Ferreira da Silva*.

67 Não conseguimos apurar se nesta altura a sua irmã Maria Eduarda ainda estaria viva. Terá falecido antes de 1883, pois não há qualquer referência sobre ela no inventário orfanológico da avó paterna, falecida em 08-04-1883. ADCTB, TCF 1774/2008, Inventários Obrigatórios 1774/2008, Inventário Obrigatório 1847-05-14/1863-07-04.

J. A. FERREIRA DA SILVA EM COIMBRA (1883-1890)

Entre 1883⁶⁸ e 1890, J. A. Ferreira da Silva residiu em Coimbra com a família, onde foi professor de música⁶⁹. Apenas o encontramos como maestro em junho de 1887, quando assume a regência da Filarmónica Conimbricense, substituindo Abel Elyseu. De acordo com a notícia publicada no jornal “O Conimbricense” *a competencia d’este artista distincto e o seu genio trabalhador são sufficiente garantia para que esta antiga sociedade de amadores possa sair do vulgar, continuando a merecer as sympathias do nosso publico*, referindo-se a J. A. Ferreira da Silva⁷⁰ e o jornal “A Officina” refere que J. A. Ferreira da Silva *é um professor distincto e illustrado, ha de fazer valer os creditos de que ha muito gosa, se encontrar a seu lado dedicações sinceras e amor pelo estudo*⁷¹.

No entanto, J. A. Ferreira da Silva regeu esta filarmónica apenas durante cinco meses, tendo sido substituído em novembro desse mesmo ano por António Rodrigues Paula Santos⁷², titular do curso do Real Conservatório de Lisboa, professor de piano e outros instrumentos, bem como de português e de francês⁷³.

No ano seguinte, em março de 1888, a Estudantina de Santiago de Compostela visitou Coimbra durante o carnaval, tendo inspirado um grupo de cerca de 40 estudantes a constituir um grupo semelhante. Presidido por Artur Pinto da Rocha e *sob a regência do professor de música José Augusto Ferreira da Silva, depois de alguns ensaios, o grupo realizou a sua primeira exibição no dia 29 de Abril de 1888 em casa do Dr. Joaquim Martins de Carvalho, homenageando-o por ter tomado capelo*

68 Em 1883 J. A. Ferreira da Silva, na qualidade de representante da sua filha Palmira, na altura com 11 anos, residia em Coimbra, para onde lhe foi enviada a Carta Precatória. ADCTB, TCF 1774/2008, Inventários Obrigatórios 1774/2008, Inventário Obrigatório 1847-05-14/1863-07-04.

69 *O Conimbricense*, 13-09-1887: 3.

70 *O Conimbricense*, 07-06-1887: 3.

71 *A Officina Coimbra*, 11-06-1887: 3.

72 *A Officina Coimbra*, 17-11-1887: 2 e *O Conimbricense*, 19-11-1887: 2.

73 *O Conimbricense*, 03-12-1887: 4.

Este afastamento deverá ter desagradado profundamente J. A. Ferreira da Silva, como se denota nas críticas e artigos publicados na imprensa local no ano seguinte: *Desde a fundação da Universidade de Coimbra, que nella sempre se cultivou a musica e o cantochoão, com mais ou menos desenvolvimento, segundo as epocas e professores mais ou menos habilitados do ensino. (...) Verdade seja que a cadeira de musica tambem tem sido occupada por muitas nullidades officiaes (...) Actualmente, nestes ultimos oito annos, o resultado é negativo: e o governo ou deve pôr cobro ao abuso que se faz da cadeira para leccionar particularmente, ou acabar com ella por utilidade da bolça dos contribuintes que são prejudicados com uma instituição sem resultado util. (...) Adicionando-lhe mais dois professores, pode a aula musical da Universidade prestar optimos serviços d'utilidade publica, comtanto que as cadeiras sejam dadas a quem tiver competencia, por concurso feito no conservatorio perante os nossos illustres professores. E tudo que assim não seja é um refinado logro (...)*⁷⁶.

Poucos dias depois, J. A. Ferreira da Silva publica outro artigo onde expressa a sua opinião sobre os músicos de Coimbra: *Assim como os cangalheiros armam as egrejas para as festas e enterros, assim a unica tarefa dos musicos de Coimbra é cantar missas pelos musicos e responsos pelos mortos. / Para nada mais lhes serve a musica. (...) Não tenho proposito de melindrar os homens como taes, mas de stygmatisar a falta de respeito que á arte sublime da musica é devida por aquelles que gananciosamente a exploram. (...) reduzir a profissão de musico á de **gato pingado!** é triste e muito reles (...)*⁷⁷.

No mês seguinte, o alvo das críticas de J. A. Ferreira da Silva é o Dr. António Simões de Carvalho Barbas, regente da Estudantina Académica de Coimbra e professor de música da Universidade de Coimbra: *(...) Ha, porém, o professor de musica da mesma Universidade, que tambem vae justificar ao paiz a sua inutilidade e falta de cuidado*

76 A *Officina*, 02-05-1889.

77 A *Officina*, 17-05-1889.

em honra da cadeira de que explora 300 mil réis annuaes, quantia que o mesmo não vale por qualquer titulo. Mas, dirão os patronos d'este professor, que basta a direcção da Tuna para merecer o que ganha. (...) é preciso que alguém ponha cobro á patifaria, secularizando a aula fóra da Universidade e da capa e batina a onde possa ser mais proveitosa. (...) Receber 300 mil réis annualmente com a certeza de não ter alumnos, é uma chuchadeira que só pode servir para quem explora gananciosamente sem mais respeito pelos que pagam (...)»⁷⁸.

Nesse mesmo artigo J. A. Ferreira da Silva diz que (...) *se eu fosse professor de tal cadeira (...) chamaria discípulos á aula, e não os leccionava em casa, particularmente para lhes levar dinheiro. E fallo assim, por que já tenho leccionado muitos alumnos gratuitamente sem ser professor official. Em janeiro do ano seguinte, o semanário “A Voz do Artista” publica um artigo, sem autoria, a criticar a postura de J. A. Ferreira da Silva e a contrariar a sua argumentação: (...) apareceu ha tempo na imprensa, o sr. José Augusto Ferreira da Silva a impugnar asperamente a maneira como para ahi se executa música, execução, ao seu parecer, sem consideração nem respeito pela arte. (...) Pelo que o sr. Silva expôz ficámos sabendo «que em Coimbra não há uma orquestra capaz de funcionar num theatro» (...) O sr. Ferreira da Silva incumbiu-se da organização da orquestra para o theatro D. Luís. (...) Dos executantes que o sr. Silva reuniu, pelo menos a metade, tem feito parte das orquestras tão severamente censuradas pelo sr. Silva, e o restante começa agora, por assim dizer, a tocar em orquestras. (...) a orquestra que o sr. Silva tem apresentado no theatro, é muito inferior às que anteriormente ali se ouviam, e que o mesmo sr. tanto ridicularizou (...)»⁷⁹.*

Entretanto, em 1889, J. A. Ferreira da Silva desenvolve um projeto para a criação do Instituto Musical de Coimbra, juntamente com Dr. Cristiano Medeiros (presidente), António José Ribeiro Alves (vice-presidente), Francisco de Macedo (secretário), Dr. Francisco José Brandão, Augusto

78 *A Officina*, 03-06-1889: 2.

79 *A Voz do Artista*, 29-01-1890: 2.

Paes, Abel Elyseu, José Maria Casimiro, Bernardo Assumpção e Dr. Francisco José Brandão⁸⁰, tendo como correspondentes, A. Keil, F. Gazul, Rey-Collaço, Arthur Napoleão, Moreira de Sá, entre outros⁸¹.

No entanto, este Instituto não terá tido sucesso, como se percebe pelas palavras do próprio J. A. Ferreira da Silva. (...) *Quando ha tempos tentei a fundação de um Instituto Musical em Coimbra, para o que convidei os que mais no caso me poderiam ajudar, era unicamente para que se acabasse com a rotineira, encetando-se vida nova e novo methodo em conformidade com o movimento musical das nações mais cultas. (...) Porém, ninguém viu mais longe além da sua indiferença, triumphando a rotina e a falta de reflexão por parte dos que melhor exemplo deveriam dar*⁸².

Durante o tempo em que vive em Coimbra, J. A. Ferreira da Silva ocupa-se da educação dos filhos, em particular do José Júlio, a quem ensina as primeiras letras e música aos quatro anos e o estudo de violino aos seis anos. No dia 8 de março de 1890, com apenas 11 anos, Júlio da Silva, filho de J. A. Ferreira da Silva, realiza o seu primeiro concerto no Teatro D. Luís, em Coimbra⁸³.

Foi brilhantíssima a estreia do sympathico menino. Ao ouvi-lo desempenhar na rebeca os belos trechos de musica, que constavam do bem escolhido programma, ninguém diria que estava alli uma creança, que ainda não completou 11 annos de idade, mas sim um hábil professor d'aquelle instrumento, tal era a naturalidade e precisão com que elle atacava as difficuldades das peças, e o gosto e mimo com que as executava. Via-se que estava perfeitamente senhor da sua receba! / Para o bom êxito do concerto concorreu muito a perfeição do acompanhamento, que ao menino Júlio fez no piano o insigne professor d'este instrumento, o sr. Lammi, que veio de Lisboa

80 Lista dos membros da organização do Instituto Musical em Coimbra. MM-2005-0006-5673. Tinha inclusive o projeto de estatutos do Instituto Musical em Coimbra. MM-2005-0006-5676.

81 Lista de sócios e de correspondentes do Instituto Musical em Coimbra. MM-2005-0006-5674.

82 *A Officina*, 17-05-1889.

83 Atual Teatro Sousa Bastos.

expressamente para este fim. / Foram unisonos e entusiasticos os aplausos que o pequenino musico recebeu dos seus numerosos ouvintes, que enchiam a plateia e os camarotes do teatro. Teve muitas chamadas especiaes (...). E por fim foi pedida a presença do sr. Ferreira da Silva (...) Ás justas homenagens, que o feliz pae recebeu naquela noite, juntamos os nossos sinceros parabens⁸⁴.

Pouco tempo depois deste concerto, (José) Júlio Cardona (da Silva) inicia uma digressão artística pelo norte de Portugal, até 1893⁸⁵, acompanhado pela sua família. Desconhecendo-se detalhes da atividade profissional de J. A. Ferreira da Silva durante esse período, bem como dos locais por onde passou, em 1893 surge a residir em Vila do Conde⁸⁶.

Em 1899⁸⁷ e 1900⁸⁸ J. A. Ferreira da Silva estaria na Covilhã, mudando-se para Lisboa pouco tempo depois, para mais próximo do filho, o qual já vivia na capital desde 1897.

Para além das composições já mencionadas, o acervo que se encontra no Museu Nacional da Música é vasto, do qual se destacam peças e estudos para Rabeca. Sobre este instrumento prestou especial atenção ao longo da sua carreira, escrevendo diversos manuais para o ensino deste instrumento de cordas friccionadas com arco, bem como composições diversas e estudos destinados ao aperfeiçoamento do toque da Rabeca.

84 *O Conimbricense*, 11-03-1890: 2.

85 *Diário de Notícias*, 23-04-1950: 5.

86 Em 27-02-1893, Palmira d'Oliveira e Silva, filha de J. A. Ferreira da Silva, solteira, residia em Vila do Conde, em casa paterna. Em 1883 Palmira herdou da sua avó materna $\frac{1}{4}$ de um regadio em Souto da Casa. ADCTB, TCF 1774/2008, Inventários Obrigatórios 1774/2008, Inventário Obrigatório 1847-05-14/1863-07-04, fl. 40.

87 Partitura “Ladainha da Virgem a 4 vozes”, assinada por J. A. Ferreira da Silva “Septembro de 1899, Covilhã”. MM-2005-0006-1582.

88 A filha Ema nasceu em 1900 em Nossa da Conceição, Covilhã.

OS ÚLTIMOS ANOS DE VIDA, EM LISBOA

Durante os anos em que vive em Lisboa, J. A. Ferreira da Silva troca correspondência com o seu filho Júlio, em digressão fora de Portugal continental. Através de algumas dessas cartas conseguimos perceber as dificuldades financeiras da família, nomeadamente através da carta redigida por J. A. Ferreira da Silva a 22-10-1909, a partir da Av. D. Amélia, 15 – 4º, Lisboa, em que escreve: *Tudo por aqui está muito mal e todos se retrahem a gastar dinheiro. (...) Aqui em Lisboa os musicos andam todos desempregados. (...) Não nos podes socorrer com algum dinheiro, e mesmo para pagar a prestação ao Miguel Ferreira que nos não larga a porta* ⁸⁹.

A situação de J. A. Ferreira da Silva não terá melhorado nos anos seguintes, a avaliar por uma das últimas cartas que escreve ao filho Júlio Cardona, a 11 de julho de 1916:

Meu filho

A minha pertinaz e incuravel doença, cada vez mais afflige por me ver impossibilitado de poder trabalhar.

Vejo-me desanimado por ver a familia a passar as mais segregadas provações sem termos outros recursos do que aquelles com que te dignas acudir-nos mattando-nos a fome.

Há 4 dias que nos alimentamos de pão emprestado com que o padeiro nos tem valido.

Eu recorro ao teu auxilio afim de nos socorreres com alguma coisa com que possamos alimentar-nos. Se nos falha o teu auxilio em tam criticas circunstancias só nos resta a morte.

Estranhamos todos que aqui não venhas vêr os que tanto te adoram e que tantas venturas te desejam!

Finalmente, já nos esqueces!

89 MM-2005-0006-2209.

A minha doença, depende de um tratamento regular, não de mimos, mas de um passadio methodico. Infelizmente, é a desgraça que nos persegue.

Como passa a tua doente? Eu bem desejara ir vê-la mas não posso por falta de forças.

Teu pai ...⁹⁰



Fig. 3 - Foto de Júlio Cardona ao lado seu pai, acompanhado pela família, sem data⁹¹.

90 Carta de José Augusto Ferreira da Silva a seu filho Júlio Cardona. MM-2005-0006-2499.

91 De pé estará José Júlio Cardona da Silva e José Augusto Ferreira da Silva. Ao centro Maria da Conceição Gomes Cardona Barata, mulher de J. A. Ferreira da Silva, rodeada, possivelmente, pelas filhas, pela cunhada e pelas netas. Fotografia de António Luis Caldeira. © Proprietário da imagem “Foto de Cardona em família” (DGPC/ADF). Museu Nacional da Música (MM-2005-0006-8677).

José Augusto Ferreira da Silva viria a falecer dois meses depois, no dia 7 de setembro de 1916.

CONCLUSÃO

Pelas informações recolhidas percebemos que J. A. Ferreira da Silva passou por diversas dificuldades ao longo da sua vida. Também como era comum naquela época, em particular para um maestro ou regente, vivia onde ia encontrando trabalho. Ao longo das nossas pesquisas encontramos referências à sua passagem por Viseu, Fundão, Covilhã, Figueira da Foz, Coimbra, Vila do Conde e Lisboa. Apesar disso, conseguiu assegurar a formação musical do seu filho no Conservatório Nacional, no qual Júlio Cardona foi professor.

Controverso e até mesmo revoltado, como se percebe pelas notícias publicadas, particularmente em Coimbra, desde cedo J. A. Ferreira da Silva demonstrou a sua afinidade política pela República, compondo hinos e marchas a esse propósito⁹², o que lhe chegou a custar 112 dias de prisão por crime de rebelião⁹³.

Para além das composições da sua autoria que se encontram nos arquivos da Sociedade Filarmónica Figueirense e Sociedade Filarmónica Dez d'Agosto, também o Museu Nacional da Música possui um acervo de partituras manuscritas e recolhas de cancionero da sua autoria, já inventariadas, que se encontram por estudar. Através dos documentos que integram o acervo do Museu Nacional da Música constatamos que J. A. Ferreira da Silva escreveu também, de forma preocupada, sobre as

92 Como por exemplo “A Lusitânia Marcha Triumphal – Canção Marcial da Republica Portugueza (...) dedicado ao Directório do Partido [republicano] (...)”. MM-2005-0006-5025.

93 Devido à autoria do tema “Marcha triumphal da Republica Portugueza (Hymno do Fundão), inspirado pela proclamação da República em França, depois da queda do império de Napoleão III, cantado no Fundão em novembro de 1871. MM-2005-0006-5026.

problemáticas e princípios didáticos no ensino da música, sendo esta uma temática que deixamos em aberto a futuros estudos resultantes da análise dos seus manuscritos.

Com esta breve investigação sobre a vida e carreira de J.A. da Ferreira Silva esperamos ter contribuído para o despertar de um interesse futuro por este músico, compositor e maestro, bem como para o estudo da sua obra e manuscritos, por parte de outros investigadores.

BIBLIOGRAFIA

BINDER, Fernando Pereira *Bandas Militares no Brasil: difusão e organização entre 1808-1889*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Música do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista – UNESP. São Paulo (Brasil), setembro de 2006, disponível em: (https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/95107/binder_fp_me_ia_prot.pdf?sequence=1).

CORREIA, Luís Miguel Tomé *Bandas e Músicos Militares em Portugal – do século XIX ao XXI*. Dissertação de Mestrado em Artes Musicais. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Lisboa: setembro de 2006, disponível em: <https://run.unl.pt/bitstream/10362/12137/1/3349.pdf>.

Casa da Música, *Banda Militar do Porto – Bibliografia*. 2014. disponível em: <http://www.casadamusica.com/pt/artistas-e-obras/musicos/b/banda-militar-do-porto/#tab=0>.

COELHO, João “João José da Costa”, in *Album Figueirense: revista mensal regionalista*, Ano II, (1935-1936), p. 204. Disponível em: <http://www-hp.biblioteca.local/periodicos/Proj/AFigueirense/rosto.html>.

Bandas Filarmónicas, *Bandas*, Banda Militar do Porto / Síntese histórica. 08-07-2009. Disponível em: http://www.bandasfilarmonicas.com/cpt_bandas/banda-militar-do-porto-7/.

LOPES, Carlos Alves, Momentos de História, *Unidades Militares*, agosto de 2017 disponível em: http://momentosdehistoria.com/001-grande_guerra/001-02-exercito/001-

02-01-frente_interna/001-02-01-03-unidades/index.html.

PESSOA, Amorim, *Almanach da Praia da Figueira 1879-1880*, 2º ano, 1879. Figueira da Foz: Correspondência da Figueira.

PESSOA, Amorim, *Almanach da Praia da Figueira 1879-1880*, 2º ano, 1879. Figueira da Foz: Correspondência da Figueira.

TRIGUEIROS, António Miguel, “Fidelidade ao rei e à Pátria 1823: Fontes inéditas de duas populares medalhas honoríficas” in *NVMMVS 2ª série*, volume XL. 2017. Porto: Sociedade Portuguesa de Numismática, pp. 89-111

Tuna Académica de Coimbra, disponível em: <https://tunauc.wordpress.com/tauc/>.

IMPREENSA

Comercio da Figueira, jornal democrata

“Procissão”, 29-03-1881. Anno II, nº 210, p. 2

“Factos da semana – A festa dos Condados”, 06-07-1881. Anno II, nº 234, p. 2

“Festividade”, 13-09-1881. Anno II, nº 257, p. 2

“Concerto”, 20-09-1881. Anno II, nº 260, p. 2

“Caminho de ferro da Beira Alta – Comitativa real”, 03-08-1882. Anno III, nº 352, p. 2

“Theatro”, 03-08-1882. Anno III, nº 352, p. 2

“Ainda a visita de Suas Magestades á Figueira”. 09-08-1882. Anno III, nº 353, p. 1

“Factos – Theatro Principe D. Carlos”. 09-08-1882. Anno III, nº 353, p. 2

O Conimbricense (Coimbra)

“Figueira da Foz – Corresp. Part. do Conimbricense”, 19-02-1881. Ano 34, nº 3500, p. 3

Idem, 19-02-1881. Ano 34, nº 3500, p. 2

Idem, 19-04-1881. Ano 34, nº 3517, p. 3

Idem, 14-05-1881. Ano 34, nº 3523, p. 2

Idem, 24-09-1881. Ano 34, nº 3560, p. 3

Idem, 12-08-1882. Ano 35, nº 3652, p. 2

Idem, 23-09-1882. Ano 35, nº 3664, p. 3

Idem, 05-12-1882. Ano 36, nº 3685, p. 3
Idem. 04-01-1883. Ano 36, nº 3693, p. 3
Idem. 31-03-1883. Ano 36, nº 3717, p. 3
Idem. 07-06-1883. Ano 36, nº 3745, p. 3
“Philarmonica Conimbricense”. 07-06-1887. Ano 50, nº 4151, p. 3
“Anuncio”. 13-09-1887. Ano 50, nº 4179, p. 3
“Philarmonica Conimbricense”. 19-11-1887. Ano 51, nº 4198, p. 2
“Professor de musica”. 03-12-1887. Ano 41, nº 4202, p. 4
“Concerto”. 11-03-1890. Ano 43, nº 4437, p. 2

Correspondência de Coimbra

“Professor de música”. 02-11-1887, Ano 16, nº 86, p. 3.

Correspondência da Figueira

“Figueira – A visita d’El-rei”. 06-08-1882. Anno VII, nº 620, p. 1

Diário de Notícias

“Necrologia”. 23-04-1950, p. 5

Gazeta de Lisboa

“Lisboa, 8 de setembro. (Artigos comunicados)”. 09-09-1829, nº 213, p. 882

A Oficina - Semanario da classe operaria de Coimbra (Coimbra)

“Philarmonica Conimbricense”. 11-06-1887, Ano 5, nº 230, p. 3
“Philarmonica Conimbricense”. 17-11-1887, Ano 5, nº 253, p. 2
“Artes e Officios, A Musica em Coimbra”. 02-05-1889, Ano 7, nº 329, p. 2
“Artes e Officios, As ultimas verdades aos musicos de Coimbra”. 17-05-1889, Ano 7, nº 331, p. 2
“Artes e Officios, A aula de musica da Universidade”. 03-06-1889, Ano 7, nº 333, p. 2

A Voz do Artista Semanal, dedicada a classe operária (Coimbra)

“Incoherencia d’um critico”. 29-01-1890, Ano 6, nº 190, p. 2

ARQUIVOS

Arquivo Histórico Municipal da Figueira da Foz (AHMFF)

Reunião da CMFF, deliberação de 06-10-1926, Ata nº 12, p. 182v.

Arquivo Distrital de Castelo Branco (ADCTB)

Tribunal Judicial da Comarca do Fundão:

TCF 1774/2008, Inventários Obrigatórios 1774/2008, Inventário Obrigatório 1847-05-14/1863-07-04, cota atual n.º 399, Mç. 8 (1.ª parte), [Extinto 3.º Ofício/3.º Ofício]: *Inventario de todos os bens que ficarão por morte do Doutor Joze de Oliveira Rodrigues Lobo... Transladado dos autos d'inventário orfanológico dos bens que ficaram por falecimento de Dona Joanna Candida Damascena e Oliveira, viúva do Doutor José d'Oliveira Rodrigues, do lugar do Souto da Caza, d'esta comarca, ...*

Paróquia de Souto da Casa:

Livro de Registo de Batismos 1818/1859, fl. 187-8

Livro de Registo de Batismos 1818/1859, fl. 140, 150, 165, 187-8, 206v

Livro de Registo de Batismos 1869/1869, fl. 10, assento nº 30

Livro de Registo de Casamentos 1868/1868, fl. 4, assento nº 7

Livro de Registo de Óbitos 1847/1859, fl. 2

Livro de Registo de Óbitos 1883/1883, fl. 5v-6, assento nº 20.

Paróquia de Fundão:

Livro de Registo de Batismos 1872/1872, fl. 15, assento nº 40

Paróquia de São Pedro (Covilhã):

Livro de Registo de Óbitos 1876/1876, fl. 6, assento nº 20

Paróquia de São Martinho (Covilhã):

Livro de Registo de Batismos 1880/1880, fl. 6v, assento nº 21

Livro de Registo de Casamentos 1878/1878, fl. 2v-3, assento nº 5

Arquivo Distrital de Viseu (ADVIS)

Cabido da Sé de Viseu, Documentos Avulsos, Correspondência, Correspondência 1845-02-02/1845-02-02 (PT/ADVIS/DIO/CVIS/A/019/000636)

Arquivo Nacional Torre do Tombo (ANTT)

Paróquia de São João Mártir ou do Monte:

Livro de Registo de Batismos 1822/1859, fl. 172v

Paróquia de São Vicente de Fora:

Livro de registo de Batismos 1907/1907, fl. 84-84v, assento nº 150

Livro de registo de Batismos 1907/1907, fl. 84v-85, assento nº 151

Livro de registo de Batismos 1907/1907, fl. 85-85v, assento nº 152

Paróquia de Alcântara:

Livro de Registo de Batismos 1884/1884, f. 69-69v

Paróquia de Santos-o-Velho:

Livro de Registo de Casamentos 1908-1908, fl. 16v-17, assento nº 33

Administração do Concelho de Lisboa (ADLSB)

ACLSB - 3º Bairro 1879/1911, Livro de registo de casamentos 1905/1910, fl. 68v-69v

ACLSB - 3º Bairro, Livro de Registo de Casamentos 1905/1910, fl. 68v-69v;

2ª CRCLSB Livro de Registo de Óbitos 1916-09-14/1916-12-05, fl. 11v, registo nº 22

2ª CRCLSB, Livro de Registo de Casamentos 1921-03-02/1921-06-06, fl. 45-45v, registo nº 45

3ª CRCLSB 1911-04-01/1985-12-31, Livro de registo de óbitos 1950-03-20/1950-07-04, lv. 116, fl. 231v, assento nº 458

4ª CRCLSB, Livro de Registo de Óbitos 1963-12-10/1963-12-31, fl. 420, assento nº 839

MUSEU NACIONAL DA MÚSICA (MM)

MM-2005-0006-0444 “Amôr de Criança, recreio infantil para rabeca com acomp.tº de piano”, partitura musical manuscrita, da autoria de José Augusto Ferreira da Silva, s/d.

MM-2005-0006-0682 “Concerto alunos J. C. no «Salão da Liga Naval»”, programa de concerto, 06-06-1912.

MM-2005-0006-1582 “Ladainha da Virgem a 4 vozes”, partitura musical manuscrita, da autoria de José Augusto Ferreira da Silva, datada de setembro de 1899, Covilhã.

MM-2005-0006-1716 “O Mártir do Calvário! Passo fúnebre”, «dedicado ao meu Exmº Presidente da Philharmonica Figueirense, Jose Maria da Silva Torres», partitura musical

- manuscrita, da autoria de José Augusto Ferreira da Silva, s/d.
- MM-2005-0006-1887 “Programa de festa realizada no Collegio Progresso em 13-08-1904”, de Júlio Cardona.
- MM-2005-0006-2209 “Carta”, correspondência da autoria de José Augusto Ferreira da Silva dirigida a Júlio Cardona no Brasil, datada de 22-10-1909.
- MM-2005-0006-2499 “Carta”, correspondência da autoria de José Augusto Ferreira da Silva dirigida a Júlio Cardona, datada de 11-07-1916.
- MM-2005-0006-3222 “Concerto do violinista Julio Cardona”, programa de concerto no Salão do Conservatório Typ. La Bécarre, 01-05-1904
- MM-2005-0006-3224 “Concerto do professor violinista Julio Cardona”, programa de concertos no Salão do Conservatório, Pap. e Typ de Paulo Guedes & Saraiva, 18-04-1905
- MM-2005-0006-3371 “audição de alunos de Júlio Cardona no Conservatório”, 20-12-1913
- MM-2005-0006-5025 “A Lusitânia Marcha Ttriumphal - Canção Marcial da República Portuguesa (etc) “Dedicado ao Directório do Partido” (republicano ...)” , partitura musical manuscrita da autoria de José Augusto Ferreira da Silva, s/d.
- MM-2005-0006-5026 “Marcha triumphal da republica Portuguesa (Hymno do Fundão)”, inspirado pela proclamação da Republica Francesa depois da queda do Império Napoleão III, datada de novembro de 1872.
- MM-2005-0006-5064 “frases ou fragmentos de canções e melodias curtas de carácter popular, melodia “A criada que é janota”, com anotações de J.A.Ferr^a da Silva”, datada de 1861, Viseu.
- MM-2005-0006-5301 “Postal” enviado a Cardona no Brazil assinado por Bella, e pelas irmãs Laura e Magdalena, datado de 19-09-1907.
- MM-2005-0006-5363 “Carta”, enviada por Gladys de Almeida a Júlio Cardona sobre concerto em Boston, datada de 13-10-1925.
- MM-2005-0006-5673 “Lista dos membros da organização do Instituto Musical em Coimbra”, datada de março (?) de 1889.
- MM-2005-0006-5674 “Lista de sócios e de correspondentes do Instituto Musical de Coimbra”, datada de março (?) de 1889.
- MM-2005-0006-5676 “Projecto de estatutos do Instituto Musical em Coimbra”, datado de março (?) de 1889.
- MM-2005-0006-6123 “Meia-noite, valsa brilhante, nº 2”, partitura musical manuscrita da autoria de José Augusto Ferreira da Silva, sem data.
- MM-2005-0006-6192 “Lista de obras compostas por Júlio Cardona, manuscrita pelo próprio, sem data.
- MM-2005-0006-7998 “Vários documentos relativos ao fim da «digressão pelos EUA», de onde regressou em maio de 1926” datados de abril de 1926.